

MAÇONARIA TUPINIQUIM

JORNAL



PERIÓDICO OFICIAL DO PROJETO MAÇONARIA TUPINIQUIM

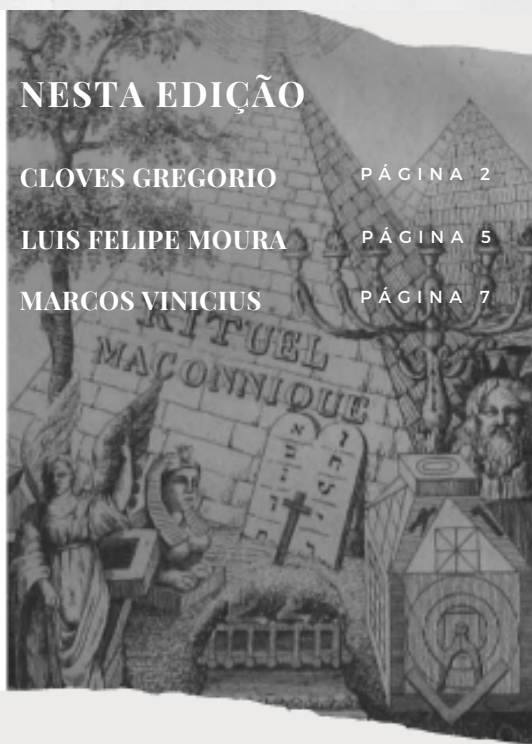


NESTA EDIÇÃO

CLOVES GREGORIO PÁGINA 2

LUIS FELIPE MOURA PÁGINA 5

MARCOS VINICIUS PÁGINA 7



ENTENDENDO O RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

POR CLOVES GREGORIO

TEMPLÁRIOS: NEM DEMÔNIOS NEM ANJOS, APENAS HOMENS

POR MARCOS VINICIUS OLIVEIRA

Desde meados do século XI, a Igreja, sobretudo a francesa, forjou um modelo de comportamento moral para a aristocracia no qual sua vocação militar justificava seus privilégios sociais. Ao longo dos séculos XI e XII, a liturgia católica ganhou cada vez mais força nas cerimônias de sacração do cavaleiro, até transformar-se em um verdadeiro sacramento. A criação da milícia Christi, a milícia de Cristo, religiosos dedicados à vida de armas, foi o extremo desta tendência.

Historicamente se computam cinco Ordens que se instituíram nos Lugares Sagrados e com características militares: a Ordem do Santo Sepulcro (1103), a Ordem de São João de Jerusalém, também conhecida como Ordem de Malta ou Hospitalários (1113), a Ordem do Templo ou Templários (1118), a Ordem de São Lázaro de Jerusalém (1142?) e a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos (1190).

O DESENVOLVIMENTO E AS TRÊS LENDAS DO REAL ARCO

POR LUIS FELIPE MOURA

O Real Arco, ou Arco Real, (do inglês Royal Arch) é talvez o mais peculiar dos graus da Maçonaria, por duas razões. A primeira, mais conhecida, é a por ser ao mesmo tempo praticado no âmbito da Maçonaria Simbólica e também dos Altos Graus.

A razão é que os Modernos entendiam que a Maçonaria a se restringia três graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Já os Antigos tinham uma visão mais fluida.

Como parte do acordo entre eles, os Artigos da União de 1813 definiram a Maçonaria Simbólica da seguinte forma: "A Maçonaria pura e antiga consiste de apenas três graus, a saber, aqueles de Aprendiz Iniciado, Companheiro de Ofício e Mestre Maçom, incluindo a Ordem Suprema do Sagrado Real Arco."

EDITORIAL

POR CLOVES GREGORIO

O Maçonaria Tupiniquim Jornal é um periódico que apresenta textos e estudos referentes a história, liturgia e cultura da maçonaria, visando instruir e informar acerca da fraternidade a irmãos estudiosos.

O periódico será distribuído mensalmente em formato eletrônico para os apoiadores do Maçonaria Tupiniquim, através da plataforma apoia.se, disponível no endereço eletrônico a seguir:
apoia.se/maconariatupiniquim

Nesta edição começo uma série de textos que visa melhorar o entendimento acerca do Rito Escocês Antigo e Aceito. Para tal recorri aos rituais praticados desde a sua introdução no Brasil, comparando-os às reformas e práticas atuais.

O irmão Luis Felipe Moura fala sobre o desenvolvimento das lendas que baseiam o Real Arco, sob um ponto de vista analítico, histórico e teológico.

Para finalizar, como o assunto “templários” sempre está em voga entre os maçons, nosso irmão Marcos Vinicius Oliveira fala sobre a origem e formação da Ordem do Templo, elencando fatos e feitos, aproximando-os ao que realmente eram: Apenas humanos.

Espero que gostem!

Cloves Gregorio



APOIA.se

“
NÃO ESPERE UM GUIA
DETALHADO DE CADA RITUAL
EXISTENTE DO RITO ESCOCÊS
ANTIGO E ACEITO, POIS
ABORDAREMOS AQUI OS
MAIS IMPORTANTES PARA A
REALIDADE DO TRABALHO
QUE EXECUTAMOS NO
BRASIL.

ENTENDENDO O RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

POR CLOVES GREGORIO

APRESENTAÇÃO

Como sabemos o Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA) não é nem de longe um sistema simples de explicar, por isso este pequeno ensaio tem o objetivo de tornar mais claro o simbolismo do rito, além de apresentar o entendimento deste autor. Neste trabalho vamos nos ater aos três graus simbólicos, citando algum grau superior apenas quando necessário e fizer sentido para compreensão do que fazemos na loja simbólica.

Não espere um guia detalhado de cada ritual existente do rito escocês antigo e aceito, pois abordaremos aqui os mais importantes para a realidade do trabalho que executamos no Brasil. Mesmo que isso contrarie alguns ritualistas brasileiros, que cismam em considerar que os rituais devam ser imutáveis. Não que eles estejam errados em ficar chateados com monte de enxertos que foram adicionados em nossos rituais ao longo dos anos, mas cabe salientar que eu

considero o ritual como uma língua, ou seja, viva. Onde a mudança e adequação a regionalismos é mais do que normal.

Sendo assim sim espere desta série de artigos a tentativa de análise do simbolismo presente do rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil atual (2022), que serão interpretados por mim, com base na sua origem, com ênfase no ensinamento esotérico e costumes sociais.

INTRODUÇÃO

O exercício de análise do REAA tem que começar por algum lugar, e eu resolvi tomar como base, a apresentação do Ritual do Grande Oriente do Rio de Janeiro (GORJ), edição de 2012, que reflete bem as práticas Maçônicas do rito no Brasil atualmente. É claro que não ficaremos restrito a ele, mas julgamos que definir uma ordem estabelecida não deixará a gente “boiar” sem rumo e por motivos óbvios começaremos no Grau de aprendiz.

Como definimos um balizador, não estranhe se o seu ritual por exemplo começar, após o índice, com a planta da Loja, e eu iniciar este trabalho com a exploração da gravura sobre a alegoria do aprendiz, mesmo que a maioria dos rituais comece pela citada gravura. Isso também não significa que o ritual oferecido pela sua Obediência esteja errado. Temos que ter sempre em mente que quem define a apresentação dos manuais dos ritos, assim como a liturgia é a Obediência simbólica, que é soberana na confecção de seus materiais.

É claro que mesmo respeitando essa autonomia, torcemos para que os responsáveis pela liturgia de cada Grande Oriente ou Grande Loja, saiba o que está fazendo e não transforme seus rituais em verdadeiros circo de horrores, mas caso você sinta que tem corpos estranhos a ritualística, espero que este ensaio te ajude no entendimento do rito que você pratica.